

Com os Sitiados de férias, João Aguardela regressa com a terceira aventura do seu projecto a solo Megafone. As recolhas de música tradicional são o ponto de partida; o ponto de chegada é a pista de dança.



Em 1997, João Aguardela mostrava, ainda em edição de autor, o primeiro disco do Megafone, projecto que moldava recolhas de música tradicional portuguesa feitas por nomes como Michel Giacometti ou José Alberto Sardinha através da utilização intensiva da tecnologia moderna. Quatro anos depois, o Megafone está vivo e recomenda-se, chegando ao terceiro disco — singelamente intitulado «Megafone 3» — com uma nova roupagem, mais dançável, mais polida, menos «em bruto» e muito mais imediata, que vai surpreender quem ouviu os anteriores mas que corresponde inteiramente às intenções de Aguardela... «Não me apetecia estar a repetir a fórmula dos discos anteriores, porque isso nunca me apetecia. Procurei fazer uma coisa que pudesse fazer a ligação com as pessoas de uma forma mais imediata, que não fosse tão brutal como o primeiro nem tão fragmentada como o segundo. E aí foi quase voltar um bocinho à tática Sitiados, sempre disse que os Sitiados eram uma banda de música popular que, simultaneamente, dava às pessoas outras referências com as quais elas se identificavam mais facilmente. Neste disco foi a mesma coisa. Houve canções e samples que sabia que à partida iam cativar mais a atenção das pessoas. Mas, de qualquer das maneiras, nada disto foi muito estudado».

Neste terceiro volume do Megafone — depois de ter «aberto» o segundo a colaborações de colegas e amigos dos Sitiados —, Aguardela volta a estar inteiramente a solo, porque «esta maneira de encetar as coisas tradicionais, e o que acho que deve ser feito a partir delas, é uma coisa muito pessoal, uma obsessão muito minha. Então, num primeiro momento, tenho sempre que experimentar sozinho, e só num segundo momento abrir a experiência. No segundo disco foi relativamente fácil convidar pessoas, porque já tinha dado um passo, já havia uma referência. Neste momento, há uma espécie de regresso às origens; tenho de dar eu o passo seguinte, procurar soluções. Mas também não acho que haja muita gente com predisposição para trabalhar nesta área».

De facto, contam-se pelos dedos de uma mão os músicos externos ao circuito da música popular interessantes em explorar o campo das recolhas tradicionais. Aguardela, aliás, faz questão de defender que a sua abordagem é puramente intuitiva, de quem vem de fora — «sempre achei que mais facilmente obténs resultados interessantes se explorares as tuas limitações, se te deixares levar pelos erros, pelos acasos, por tudo o que possa acontecer... As experiências mais interessantes nas diferentes áreas acabam por ser feitas por pessoas de fora dessas áreas». Mas coloca-se na linhagem do «boca-a-boca» que ia passando, de geração para geração, de pais para filhos, as canções antigas. «Para todos os efeitos, sinto-me parte da tradição popular, só que tenho necessidade de a reinventar. Houve um corte — não tive contacto directo com essa tradição, com as últimas pessoas que espontaneamente cantavam no trabalho ou nos serões da aldeia. E tive de a reinventar no sentido de a tornar também na

minha tradição. E, nesse sentido, o que faz muito a evolução da tradição são os acidentes, as mudanças de contexto, ouvires uma canção durante "n" anos e quando a cantas, quando a estás a passar a outra pessoa, já estás a acrescentar-lhe algo ou a transformá-la em algo diferente. Nesse sentido, sinto-me parte desta tradição e este é um disco de música tradicional».

Mas música tradicional inicialmente construída em sintetizadores, desconstruindo e estilizando as recolhas originais, usadas mais como «ponto de partida» e «mote»: «Acho que são dois universos que acabam por colar bem porque a música electrónica é a música tradicional de hoje, pelo modo como é feita e difundida. E interessa-me fazer uma experiência à volta da música tradicional, acho muito enriquecedora a perspectiva de, se as coisas tivessem acontecido de outra maneira, que resultado é que teriam...». A «ficção científica» que é referida na folha de promoção

«é se a música tivesse evoluído para aqui em vez de para ali?». «Exacto. Aqui, é uma ficção científica mais elaborada e talvez mais atenta ao que se está a passar mais recentemente. Nos dois álbuns anteriores, as coisas estão lá porque tenho de assumir que me influenciaram. Mas desta vez deixei essas influências ir mais longe, até para conseguir estabelecer essa ideia de abertura ao que vem lá de fora, conseguires trabalhar com as influências que te chegam de todo o lado, e ao mesmo tempo acrescentar essa personalidade. Deixei a intuição sair mais, o que é também a minha relação com as recolhas: não sou propriamente um estudioso. Faz sentido aprender com as coisas, não cloná-las».

João Aguardela sublinha que «Megafone 3» não é uma evolução em relação aos anteriores: antes um caminho alternativo. «Não vejo estes discos no sentido de uma evolução. São ideias que concretizo, com uma base comum que é a música tradicional. E a partir daí tento fazer experiências diferentes em cada disco: estão lá as canções [os samples de origem] como uma fonte de inspiração, e depois foi deixar-me levar por esse ambiente e construir. Acho que há antes um enriquecimento a nível pessoal — ouvir as coisas, ir desenvolvendo uma leitura, e nesse aspecto a música tradicional dá-te espaço, não é muito definida. Fui aí sim, talvez tenha vindo a enriquecer, também vou ouvindo mais coisas, lendo mais coisas. Até porque, de certa maneira, também ando à procura da minha própria personalidade enquanto músico — e esta é a área em que me sinto nitidamente confortável. O Megafone acaba por ser também uma procura de mim próprio, de como é que posso ser músico e músico português, hoje...».

Jorge Mourinha

PÉROLAS E PORTOS

«Megafone 3» marca a estreia editorial da Pérola Negra, designação que já surgiu como simples marca nos Megafone 1 (lançado em edição de autor) e 2 (editado pela Farol). Desta vez, a Pérola Negra tem efectivamente existência real como editora independente, nascida do trabalho de João Aguardela com Luis Varatojo (Peste & Sida) no projecto Linha da Frente: «[Eu e o Luis] temos estado a trabalhar em Linha da Frente e há toda uma série de conversas que surgem naturalmente, e esse foi o impulso inicial. Depois também nos juntámos com o Vítor Fernandes [agente de Aguardela e Varatojo] e fazia algum sentido alargar aquela célula artesanal. Para já, a Pérola Negra poderá vir a publicar os projectos paralelos onde Varatojo e Aguardela estão envolvidos, embora o caso de Linha da Frente esteja ainda por decidir devido ao envolvimento de muitos artistas diferentes vinculados a outras editoras».

E A BANDA PASSOU?

A pergunta acaba por ser incontornável — o que é feito dos Sitiados, que não dão notícias desde a edição, em 1999, de «Mata-me Depois»: «Estamos todos vivos, de boa saúde, e perfeitamente parados». Porque? «A partir do momento em que já estávamos a deixar-nos arrastar sem haver uma ideia em que valesse a pena trabalhar, achámos que o melhor a fazer era mesmo parar...». João Aguardela sublinha que o grupo não encerrará actividades. «Estamos em "stand-by", e obviamente cada um por si vai perseguir outros interesses». Mas, se a tal «ideia» surgir, o grupo regressará.

danças e folias

MEGAFONE